



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

LÍNGUA MORTA? O HEBRAICO NÃO.
A RENOVAÇÃO DA LÍNGUA E SUAS CARACTERÍSTICAS

Gisele Silva da Costa

Rio de Janeiro
Janeiro de 2020

GISELE SILVA DA COSTA

LÍNGUA MORTA? O HEBRAICO NÃO.
A RENOVAÇÃO DA LÍNGUA E SUAS CARACTERÍSTICAS

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras: Português-Hebraico.

Orientador: Prof. Doutor Leopoldo Osório Carvalho de Oliveira

RIO DE JANEIRO
Janeiro de 2020

CIP - Catalogação na Publicação

C8371 Costa, Gisele Silva da
LÍNGUA MORTA? O HEBRAICO NÃO. A RENOVAÇÃO DA
LÍNGUA E SUAS CARACTERÍSTICAS / Gisele Silva da
Costa. -- Rio de Janeiro, 2020.
35 f.

Orientador: Leopoldo Osório Carvalho de Oliveira.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Hebraico, 2020.

1. Língua Hebraica. 2. Renovação da Língua. 3.
Línguas Semíticas. 4. Formação de Palavras. I.
Oliveira, Leopoldo Osório Carvalho de, orient. II.
Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

GISELE SILVA DA COSTA
116072870

LÍNGUA MORTA? O HEBRAICO NÃO. A RENOVAÇÃO DA LÍNGUA E SUAS CARACTERÍSTICAS

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado/Bacharel em Letras: Português-Hebraico.

Data da avaliação: 13/01/2020

Banca Examinadora:

Leopoldo Osório Carvalho de Oliveira

NOTA: 10,00

Prof. Dr. Leopoldo Osório Carvalho de Oliveira – Presidente da Banca Examinadora
Setor de Língua e Literatura Hebraicas/ Departamento de Letras Orientais e Eslavas/ Faculdade de Letras/ UFRJ

Diego Leite de Oliveira

NOTA: 10,00

Prof. Dr. Diego Leite de Oliveira – Leitor Crítico
Setor de Letras Russas / Departamento de Letras Orientais e Eslavas/ Faculdade de Letras/ UFRJ

MÉDIA: 10,00

RESUMO

A língua hebraica não foi falada por aproximadamente 1700 anos, no entanto, hoje, o hebraico é língua oficial do Estado de Israel. Essa língua possui uma história especial que evidencia seu valor e a credibilidade que os linguistas da época tinham nela. Partindo da crença de muitos que o hebraico é uma língua morta, este trabalho é um dos primeiros estudos a abordar a questão da renovação da língua. Nosso objetivo, a partir dos estudos de Berezin (1980) e Rabin (1973) é analisar como o hebraico voltou a ser falado e suas principais características como uma língua viva como qualquer outra, mas que não teve um desenvolvimento como o dessas línguas, em que o período histórico é um resultado orgânico da evolução gradual das fases anteriores.

Palavras-chave: Língua Hebraica, Renovação da Língua, Línguas Semíticas, Formação de Palavras.

ABSTRACT

Hebrew language had not spoken for approximately 1700 years, however, today, Hebrew is the official language of the State of Israel. This language has a special history that shows its value and the credibility that linguists of period had in it. Starting from the belief of many people that Hebrew is a dead language, this is one of the first studies to address the issue of language renewal. Our aim, from the studies by Berezin (1980) and Rabin (1973), is to analyze how Hebrew was once again spoken and its main characteristics as a living language like any other, but which did not have a development like those languages, that the historical period is an organic result of the gradual evolution of previous phases.

Keywords: Hebrew Language, Language Renewal, Semitic Languages, Word Formation.

סיכום

השפה העברית לא דוברתה בערך 1700 שנים, אבל, היום, עברית היא השפה הרשמית של מדינת ישראל. יש לשפה הזאת היסטוריה מיוחדת שמדגישה את ערכה ואת אמונותיהם של בלשני תקופת תחייתה בה. אנשים רבים מאמינים שעברית היא שפה מתה. העבודה הזאת היא אחד המחקרים הראשונים שמתעסקים בנושא חידוש השפה העברית. מטרתנו, בעזרת מחקריהם של ברזין (1980) ורבין (1973), היא לנתח איך עברית חזרה להיות מדוברת ומהם מאפייניה העיקריים כשפה חייה כמו כל שפה אחרת, אך שלא הייתה לה התפתחות כמו אלה שפות שתולדותיהן ההיסטוריות הן תוצאה אורגנית של ההתפתחות ההדרגתית של שלבים קודמים.

מילות מפתח: השפה העברית, התחדשות השפה, שפות שמיות, גיבוש מילים.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 9 |
| 2 A LÍNGUA HEBRAICA | 11 |
| 2.1 A LINHA DO TEMPO DA LÍNGUA HEBRAICA | 12 |
| 3 UM POUCO DE HISTÓRIA: A <i>HASKALÁ</i> E O SIONISMO | 13 |
| 4 ELIEZER BEN YEHUDA: O PAI DO HEBRAICO MODERNO | 14 |
| 4.1 PALAVRAS CRIADAS POR ELIEZER BEN YEHUDA E OS <i>ULPANIM</i> | 18 |
| 4.2 O HEBRAICO: CARACTERÍSTICAS DE UMA LÍNGUA VIVA | 18 |
| 5 CRIAÇÃO DE NOVAS PALAVRAS | 21 |
| 5.1 PROCESSOS MORFOLÓGICOS PARA CRIAÇÃO DE NOVAS PALAVRAS | 24 |
| 6 GRAMÁTICA MODERNA: CARACTERÍSTICAS SEMÍTICAS E OCIDENTAIS 25 | |
| 6.1 BEGADKEFAT X BAKAF E CONSOANTES ENFÁTICAS E GUTURAIS..... | 28 |
| 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 29 |

1. INTRODUÇÃO

Entre os fiéis das três grandes religiões monoteístas (judaísmo, cristianismo e islamismo), além do culto a um único Deus, há um grande desejo em comum: conhecer uma cidade muito antiga chamada *Yerushalayim* – ירושלים que, na língua portuguesa, ficou conhecida como Jerusalém, a Terra Santa.

Contudo, para que o sonho de conhecer essa terra se concretize, é necessário aprofundar-se na cultura do Estado de Israel. Um dos primeiros pensamentos de um turista quando começa a planejar uma viagem para um outro país é sobre o idioma oficial desse lugar. No caso de *Eretz Israel* (terra de Israel), poucas pessoas sabem que lá, os nativos falam hebraico.

Ao pisar em território israelense, pisa-se em um “território hebraico”. Seja no aeroporto, nos meios de transporte, no trânsito, nos hotéis ou nas lojas, as pessoas falam em hebraico. O maior susto se dá nas placas: caracteres de um alfabeto muito distante do latino. Antes disso, o susto é descobrir que o hebraico não é uma língua morta.

Hoje, a língua hebraica é uma língua viva. Pessoas em Israel falam hebraico em casa, nas ruas e por todos os lugares. Todo neném israelense escuta e adquire o hebraico como língua materna e os *olim chadashim* (novos imigrantes) fazem *aliá*¹ e vão para Israel estudar nos *Ulpanim*.

O israelense pode falar inglês, espanhol, italiano ou alemão, mas, certamente, ele também fala hebraico. No entanto, para que essa língua chegasse à boca desse povo, muito se precisou lutar. O hebraico não é uma língua morta oralmente, mas já foi. Por quase dois mil anos, os judeus não falaram em hebraico. Eles sabiam ler e rezar na língua mas não sabiam se comunicar. O hebraico falado não fazia parte da vida desse povo.

Se a língua já esteve morta na fala e hoje não está mais, pode-se falar em renascimento, renovação, reconstrução etc. Foi exatamente isso que aconteceu com a língua hebraica. O ato de “falar hebraico” traz consigo uma forte história de um povo que se apropriou da língua para ser visto como nação. Língua que, hoje, convive com marcas da Bíblia e ao mesmo tempo do novo, do moderno. A língua que ganhou uma “roupa nova”. A língua hebraica – uma língua como qualquer outra, uma língua viva.

Segundo Berezin (1977), o hebraico moderno não é uma continuação das fontes bíblicas, a língua morta oralmente não teve um desenvolvimento natural, pois não conseguia

¹ *aliá*, (subida), imigração judaica.

dar conta das exigências da modernidade. Portanto, para conseguir suprir essas necessidades, o hebraico precisou ser adaptado. O objetivo deste trabalho é explicar como a língua hebraica foi renovada e voltou a ser falada pelos judeus, tornando-se língua oficial do Estado de Israel; como se dava o processo de formação de palavras e as principais características da língua renovada. Este é um dos primeiros trabalhos em língua portuguesa que trata da renovação da língua. Além disso, os estudos em outras línguas são escassos e não há acesso às fontes em língua hebraica.

Este trabalho de conclusão de curso possui sete capítulos, além desta introdução. No segundo capítulo, há um panorama geral da língua hebraica e seus períodos. No terceiro capítulo, o objetivo é esclarecer a importância do Iluminismo judaico e do sionismo político para o renascimento da língua. No quarto capítulo, fala-se sobre Eliezer Ben Yehuda, o pai do hebraico moderno, e todos os seus esforços para que a língua alcançasse o *status* que tem nos dias de hoje. O quinto capítulo trata dos critérios adotados pelos linguistas da época para o processo de formação de palavras e o sexto capítulo abarca as principais características da gramática do hebraico moderno. Por fim, no sétimo capítulo, há as considerações finais deste trabalho e os próximos passos e, no oitavo capítulo, as referências.

2. A LÍNGUA HEBRAICA

“A designação ‘língua hebraica’ é encontrada pela primeira vez na literatura helenista e serviu para denominar a língua na qual foi escrita a bíblia hebraica.” (BAROCAS, 2006)

O hebraico é uma língua semítica que pertence à família de línguas afro-asiáticas. Ele é parente dos dialetos cananeus e o do fenício, está no mesmo grupo de línguas que o árabe e o aramaico. Segundo Berezin (1980), ao chegarem em Canaã (século XII a.E.C.), os patriarcas hebreus encontraram uma terra que tinha como língua o canaanita. As Cartas de *Tel-El-Amarna*² têm grande relevância para a pesquisa pré-histórica da língua hebraica, pois nelas foram encontradas informações sobre a cultura, língua e literatura da época. Segundo Barocas (2006), essas cartas evidenciam que, em um período anterior à conquista israelita, a língua hebraica já era falada na Palestina.

O alfabeto hebraico tem a escrita no sentido anti-horário e tem como características bastante emblemáticas cinco consoantes que possuem forma final סופית (*sofit*). Segundo Francisco (2009), com exceção do acádico e do etíope, todas as línguas semíticas têm a escrita da direita para a esquerda. Além disso, todas elas possuem alfabetos consonantais. Por isso, foi adotado, na Bíblia Hebraica, um padrão chamado *messorah* que diz respeito ao uso de sinais vocálicos, diacríticos consonantais (*nekudot*) e comentários referentes às peculiaridades do texto, que raramente aparecem nos textos em hebraico moderno.

Ao escutar a palavra “hebraico” muitas pessoas associam esta língua a um povo, a uma religião e a uma terra. Além disso, muitos dizem que o hebraico não é mais falado e que só o utilizam no âmbito religioso. Contudo, a língua hebraica, junto ao inglês e o árabe, é língua oficial do Estado de Israel.

O hebraico foi a língua falada pelos judeus por aproximadamente mil e trezentos anos – da conquista da Palestina até depois da guerra de Bah-Kochba (131 – 134 E.C.) – Entretanto, no Exílio da Babilônia, a maioria dos judeus falavam outras línguas, o que fez com que o hebraico falado morresse. (SZCHUMAN, 2011)

Os judeus são conhecidos historicamente como *am haSefer*, povo do Livro (עַם הַסֵּפֶר) e em todos períodos do Exílio (70 E.C. a 1948) nunca deixaram de ler e escrever em hebraico. As pessoas falam do “milagre do renascimento” do hebraico, mas o verdadeiro milagre é a sua

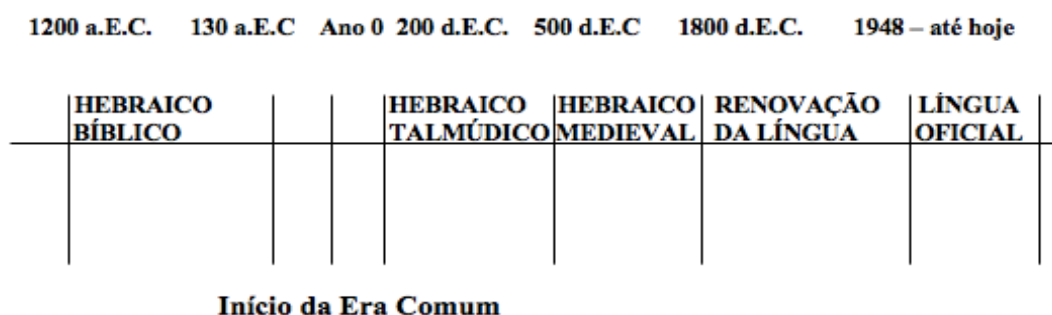
² Cartas de *Tel-El-Amarna*, cartas trocadas entre faraós e monarcas cananeus entre 1450 e 1360 a.E.C.

imortalidade durante um período tão grande. (GLASMAN, 2019) De acordo com Barocas (2006), há registros do ano de 900 de comunidades judaicas do exílio que evidenciam a escrita de cartas e documentos em hebraico.

Muitos judeus utilizavam a língua em feiras para que seus clientes não judeus não os entendessem e também quando se encontravam e não sabiam nenhuma outra língua em comum. No entanto, nenhum judeu tinha a ideia de ter o hebraico como a língua do dia a dia. Nesse período, a língua não era considerada um símbolo de identidade nacional e esse povo não se considerava uma nação. (RABIN, 1973) Portanto, a comunicação se dava por meio da língua de onde a pessoa vinha. Segundo Szuchman (2011), o que diferenciava o falar do judeu e do não judeu era a presença de palavras hebraicas e frases de fontes como o *Talmud*³.

O hebraico bíblico, de modo geral, é literário e poético, por isso, o povo não o dominava. Segundo Francisco (2009), o Hebraico Bíblico pode ser dividido em três períodos diferentes: hebraico arcaico – séc. XIII ao séc. X a.E.C., hebraico pré-exílico ou clássico – séc. X ao séc. VI a.E.C. e hebraico pós-exílico ou tardio – séc. VI a.E.C. ao séc. II a.E.C. Berezin (1977) define o hebraico talmúdico como um “prolongamento do hebraico bíblico”, com transformações semânticas, sintáticas e lexicais.

2.1 Linha do tempo da “língua hebraica”



Baseada em: “O Hebraico Moderno: um estudo histórico.” (BEREZIN, 1977)

a.E.C – Antes da Era Comum

d.E.C – Depois da Era comum

³ *Talmud*, livros de discussões, comentários sobre a Lei Oral.

1200 a.E.C. - 130 a.E.C. – Os hebreus se firmaram como povo, os reinos se dividiram e Jerusalém e o Primeiro Templo foram destruídos. Os judeus foram levados para a Babilônia e o hebraico era falado pelo povo de Israel. A escritura do *Tanach*⁴ marca esta época.

Ano 0 – Início da Era Comum – Nascimento de Cristo.

200 d.E.C. – Os judeus deixaram de falar o hebraico em seu cotidiano, a língua, torna-se, então, morta.

500 d.E.C – Os judeus estavam radicados em diversos países, por isso, surgem os idiomas judaicos: o Ídiche no Leste Europeu e o Ladino na Espanha.

1800 d.E.C. – *Haskalá* ou Iluminismo judaico, os judeus voltam a usar a língua hebraica em seu cotidiano. A língua é renovada e é considerada um símbolo de identidade nacional.

1948 até hoje – O hebraico torna-se uma língua viva: a língua oficial do Estado de Israel.

3. UM POUCO DE HISTÓRIA: A HASKALÁ E O SIONISMO

Segundo Oliveira (2002), *A Haskalá*, o iluminismo judaico, foi um conjunto de ideias que teve seu início em Berlim, na segunda metade do século XVIII. Tal movimento tinha como objetivo buscar uma solução para o antissemitismo⁵ na Alemanha. No que tange à língua, seu mérito foi desencadear o renascimento da literatura hebraica. *A Haskalá* possuía um caráter elitista de judeus que tinham como alvo chegar-se à cultura ocidental. (STEINBERG, 2014)

A maior intenção da *Haskalá* sempre foi a modernização da vida judaica. Os judeus tinham que esquecer grande parte da cultura de seus países de origem e se transformarem em uma nação, com sua própria terra, cultura e língua.

Os ilustrados (*maskilim*) queriam distanciar-se do judaísmo rabínico normativo e do ídiche – que para muitos era considerado um dialeto – o que desencadeou a necessidade da recriação de uma literatura em língua hebraica.

Haskalá (iluminismo judaico). Segundo essa corrente de pensamento , havia a necessidade de uma renovação e modernização da vida judaica , que só seria alcançada plenamente por um retorno vivificante às fontes clássicas da cultura e do idioma hebreus , balizados pela moderna e laica cultura européia ocidental . Nesse período , obras científicas e de pose literária moderna foram escritas e traduzidas para o hebraico, o que demandava uma adaptação do antigo idioma aos novos conceitos veiculados por esses escritos. (OLIVEIRA, 2002)

Os escritores da *Haskalá* tiveram grande influência nesse período, pois foram eles que transformaram o hebraico em um idioma literário, suas produções abarcavam as realidades da

⁴ *Tanach*, Acróstico de *Torá*, *Neviim* (profetas) e *Ktuvim* (escritos sagrados)

⁵ *antisemitismo*, preconceito contra aqueles de origem semita.

vida judaica no leste europeu. É importante destacar que o hebraico bíblico não deixou de ser usado, ele continuava influenciando os escritos da época.

Entre os escritores desse movimento, destaca-se Shaiom Iacov Abramovitch, conhecido como Mendele Mocher Sfarim. Ele foi o primeiro escritor iluminista a utilizar o vocabulário de todos os períodos (Bíblia, Talmud, liturgia, literatura filosófica medieval e literatura rabínica hassídica e erudita). (BEREZIN, 1977)

Contudo, o autor encontrou algumas barreiras na escrita em hebraico e, por isso, começou a escrever em ídiche. Essa língua surgiu por volta do século IX da era comum na Alemanha Setentrional, seus primeiros textos são encontrados no século XII. O ídiche também faz uso do alfabeto hebraico, entretanto, as consoantes hebraicas – cabe lembrar que o alfabeto hebraico é consonantal – *alef*, *ayn* e *yud* são lidas como as vogais “a”, “e” e “i”. (GUERTZENSTEIN, 2016)

Tal escolha de Mocher Sfarim foi essencial para o desenvolvimento do ídiche, pois ele era considerado um dialeto, uma “língua baixa” e, graças a Mendele, passou a ter uma literatura de alto nível. Entretanto, o autor acabou voltando à escrita em hebraico. (RABIN, 1973)

Mendele buscava uma escrita próxima à fala, o que era difícil, pois, neste período na Europa, não existiam muitos falantes que tivessem um bom domínio do hebraico. A virtude de Mendele Mocher Sfarim foi a possibilidade de escrever em língua hebraica de maneira desconstruída, uma vez que ele não seguia o judaísmo.

“Foi Mendele (1835-1917), considerado o fundador da modernidade em ambas as literaturas – hebraica e ídiche – quem estabeleceu um estilo sintético combinando vários estratos do hebraico, logrando conseguir para este a naturalidade de uma língua falada.” (BAROCAS, 2006)

No final do século XIX, nasce um movimento que tinha como finalidade garantir ao povo judeu o status de “nação”, que se relaciona ao direito de ter um Estado próprio. (SORJ, 2014). Fundado por Theodor Herzl, um jornalista judeu austro-húngaro, autor do famoso livro “O Estado Judeu” (1896), este movimento, chamado Sionismo, não aceitava a ideia dos judeus estarem espalhados em diversos países – diáspora⁶. Para esse processo, o povo judeu deveria ter o direito de uma terra e, até mesmo, mais que isso: eles deveriam ter o direito de *voltar* para

⁶*Diáspora*, dispersão judaica

sua terra. É importante destacar que o sionismo buscava afastar-se da religião, embora existissem fatores que o aproximassem dela. Para os sionistas, o futuro judaico não estava nas mãos de Deus, mas sim nas mãos do próprio homem.

Segundo Sorj (2014), o sionismo tinha como alvo “normalizar” o povo judeu com a criação de uma nova cultura secular em que sua base era a relação com a natureza e o trabalho físico, opondo-se, então, à “herança diaspórica”.

Todo povo precisa de uma língua e para a criação do Estado de Israel foi escolhido o hebraico como idioma oficial. O motivo era claro: o hebraico morreu na fala mas não na escrita. Esta língua uniria, então, os judeus. No entanto, para o líder do sionismo, Theodor Herzl, o hebraico não era um símbolo de identidade nacional (STEINBERG, 2014) e não tinha condições de ser a língua oficial, pois ele acreditava que os judeus não tinham um bom domínio da língua e o que verdadeiramente os unia era a fé de seus pais.

Talvez alguém opine que haverá um grande inconveniente em que não tenhamos ainda um idioma comum. Haveremos de falar hebraico? Quem, entre nós, sabe hebraico suficiente para pedir um bilhete de trem? Não há quem saiba fazê-lo. Contudo, a coisa é bem simples. Cada um conservará seu idioma, idioma de sua pátria. A Suíça constitui um exemplo definitivo da possibilidade de um federalismo lingüístico. Nos desacostumaremos dos miseráveis e tortuosos jargões, idiomas do gueto, dos quais nos servimos até agora. Estes eram o modo de falar clandestino de prisioneiros. Nossos professores estudarão atentamente esta questão. O idioma que vier a ser o mais útil na vida cotidiana, será imposto, sem violência, como idioma principal. A comunidade do nosso povo é, por certo, muito singular. Na realidade, nos reconhecemos como pertencentes ao mesmo povo somente pela fé de nossos pais. (HERZL, 1998, p. 104)

4. ELIEZER BEN YEHUDA: O PAI DO HEBRAICO MODERNO

Nesta mesma época, os europeus viviam um despertar político e cultural em que a língua se mostrava como um fator de identidade nacional. Por isso, os judeus inseridos nesse contexto, precisavam pensar em algo que os considerasse iguais na cultura europeia. Dessa forma, era necessário, renascer, renovar a língua que durante séculos deixou de ser usada na comunicação diária: o hebraico.

Esse nacionalismo europeu foi determinante para Eliezer Ben Yehuda, um judeu russo. O que não fazia sentido para Theodor Herzl, era a melhor opção para Eliezer Ben Yehuda. Para ele, os judeus tinham uma língua que os conectava e que com ela, eles poderiam não apenas escrever textos os mais variados, mas também poderiam se comunicar, poderiam falar nessa língua.

No entanto, Eliezer Ben Yehuda não teve, inicialmente, o apoio dos dirigentes da nação. A grande maioria dos escritores hebraicos não acreditavam que a renovação da língua seria uma

boa opção (RABIN, 1973). Para o jovem russo, a rejeição não era o suficiente para desistir da renovação do hebraico e isso o motivou a adotar estratégias que garantiriam a conservação da língua falada em sua vida pessoal.

Em 1881, Eliezer migrou para a Palestina e lá decidiu fazer altos investimentos na língua hebraica, pois percebeu que, em determinadas situações, as pessoas conseguiam se comunicar através dela. Todavia, a confiança que ele tinha na língua era tão grande que ele não aceitava o seu uso esporádico – o hebraico deveria ser a única língua falada no dia a dia, as demais línguas deveriam ser abandonadas. Mais uma vez, sua ideia não teve boa aceitação.

Por outro lado, dentro de seu lar, as coisas não funcionavam dessa mesma forma. De acordo com Rabin (1973), lá o hebraico era uma regra. Ele só se comunicava com sua esposa em hebraico e o seu filho foi criado conhecendo apenas esta língua. Apesar de tudo, as ideias de Ben Yehuda não ganhavam força e até mesmo um amigo lhe disse que criar seu filho nesse caminho o tornaria um alienado na fase adulta.

Apesar de tudo, Ben Yehuda continuava firme em seu projeto de restauração da língua hebraica. Por isso, ele teve a intuição de incluir o hebraico como língua de instrução nas escolas. Inventou o método “hebraico em hebraico” – em que uma palavra é ensinada em hebraico e traduzida em hebraico – e começou a ensinar em uma escola. Finalmente, esta ideia teve sucesso. (RABIN, 1973)

Contudo, Ben Yehuda não estava em boas condições de saúde, o que fez com que ele precisasse interromper o trabalho sem conseguir retomá-lo durante um longo período. Por isso, esmerou-se em seu jornal. Nele, continuou falando sobre o método que havia inventado.

Paralelamente, chega à Palestina os *Biluim*⁷ que, na Rússia, ficaram sabendo dos grandes esforços de Eliezer e mostraram concordar com seus ideais. Esse grupo também se dedicou para que o hebraico fosse introduzido como língua falada e de instrução nas escolas.

Em 1980, todas as escolas das colônias da Galiléia haviam adotado o método “hebraico em hebraico”. Apesar das dificuldades encontradas durante os caminhos para a consolidação da língua, o hebraico ia ganhando força – jardins de infância e escolas de nível médio estavam sendo criados.

A Segunda Aliá (1904-1905) – que foi a mais importante – trouxe da Europa Oriental jovens demasiadamente influenciados pelo mesmo nacionalismo que afetou Eliezer. Através desses pioneiros, o hebraico começou a exercer, cada vez mais, um papel na vida dos judeus da

⁷ *Biluim*, grupo de imigrantes judeus sionistas que chegavam à Terra de Israel.

Palestina. Esses judeus conseguiam se comunicar com o hebraico que estavam aprendendo e ajudaram Eliezer Ben Yehuda a concretizar tudo que ele havia planejado.

A adoção do hebraico como língua falada e de instrução nas escolas precisou ser pensada de forma muito cuidadosa, uma vez que os professores e falantes não tinham domínio pleno da língua, ou seja, não existiam palavras o suficiente.

Parte dessa deficiência de palavras foi suprida pelas fontes bíblicas e pelos estrangeirismos. Eliezer Ben Yehuda empenhou-se na elaboração de um dicionário de 17 volumes e, ainda assim, faltavam palavras, o que motivou Ben Yehuda a criá-las.

Entre 1916 e 1918, a organização Sionista, que não concordava com a ideia do hebraico como língua falada, realizou um recenseamento da população judaica da Palestina e 40% das pessoas que formavam o judaísmo na Palestina, tinham o hebraico como idioma principal. Entre os mais jovens, a porcentagem era de 50% e entre os jovens de Tel Aviv e dos *kibbutzim*⁸, de 75%, o que foi uma grande conquista. (RABIN, 1973)

Entre 1889 e 1890, foi criado em Jerusalém um “Comitê da Língua” – atual Academia da Língua Hebraica (BEREZIN, 1980). Entre os membros do Comitê, destacam-se Eliezer Ben Yehuda e David Yellin⁹.

Em 1919, foi fundado o primeiro jornal diário *Hadaschot Ha-Aretz* (Novidades da Terra), nessa época, a publicação de jornais era de extrema importância, pois era uma forma de “fazer propaganda” da língua. Segundo Barocas (2006), o trabalho jornalístico dos *maskilim* nos anos 60 e 70 foi crucial para popularizar os princípios da *Haskalá*.

“A ampliação da língua e a necessidade de um movimento hebraico foram trazidas pelas asas do jornalismo hebraico semanal e diário, que começou a aparecer em Varsóvia, desde o ano de 1862, pois os seus realizadores viram-se obrigados a buscar e inventar termos e expressões para o dia-a-dia...” (Barocas, apud Rozenhak, 1955)

Por fim, a Primeira Guerra Mundial trouxe a Declaração Balfour e o Mandato de 1921, em que o hebraico é reconhecido, ao lado do inglês e do árabe, como língua oficial da Terra de Israel. Já em 1948, com a criação do Estado de Israel, chegaram à terra muitos imigrantes – que não falavam hebraico. Essas pessoas precisavam aprender a língua do novo país e, por isso, foram fundados os *Ulpanim* – cursos intensivos de hebraico.

Atualmente, no hebraico moderno, muitas palavras continuam sendo formadas. Esse idioma acaba possuindo elementos linguísticos de todas as fases anteriores. Pode-se misturar

⁸ *kibbutzim*, comunidades agrícolas onde tudo que é produzido pertence a todos.

⁹ *David Yellin*, professor e pesquisador de língua e literatura hebraica.

formas bíblicas, talmúdicas e medievais sem causar problemas. São as palavras bíblicas que estão mais presentes na língua moderna.

O hebraico, em território israelense, tem o mesmo poder que o português no Brasil: é a língua utilizada no dia a dia e, por conta disso, começa a ter variações linguísticas como qualquer outra língua viva (SZCHUMAN 2011), além da influência de estrangeirismos de diversas línguas como o árabe, o ídiche e o russo.

4.1 Palavras criadas por Eliezer Ben Yehuda e os *Ulpanim*

O pai do hebraico moderno consultou as fontes bíblicas para elaboração de seu dicionário. Contudo, era fato que, nelas, ele não conseguiria encontrar palavras que pudessem dar nome às novidades que a modernidade traz. Por isso, Ben Yehuda dedicou-se à criação de palavras. (BEREZIN, 1980) A língua hebraica, como muitas línguas vivas, tem bastante influência do inglês. Em hebraico, encontramos palavras como: אוטובוס – *otobus* (ônibus), אוניברסיטה – *universita* (universidade), קפה – *café*, ברביקיו – *barbikiu* (churrasco), אקמול – *akamol* (parecetamol).

Outros vocábulos surgiram a partir da própria criação de Eliezer, entre eles estão: גלידה – *glidah* (sorvete), מילון – *milon* (dicionário), עיתון – *iton* (jornal), שעון – *shaon* (relógio), חייל – *haial* (soldado) e אופנה – *ofnah* (moda). (RABIN, 1973)

Destarte, a língua estava se renovando e após a criação do Estado de Israel, o país estava sendo ocupado por muitos imigrantes de todo o mundo e, como dito anteriormente, foram criadas as redes de *Ulpanim* – com intuito de auxiliar esses imigrantes a aprenderem a língua. Em 1949, foi criado em Jerusalém o primeiro *Ulpan*.

Hoje, há *Ulpanim* espalhados por toda terra de Israel, atendendo imigrantes e estudiosos da língua. Os *Ulpanim* costumavam ser gratuitos para imigrantes judeus (*oleh hadashim*). Nos dias de hoje, os preços variam de acordo com o tempo de curso, nível etc.

O conceito de *Ulpan* também foi adotado por outras nações que desejam reviver seus próprios idiomas, a exemplo do País de Gales, da Escócia e da Noruega. Nos dias de hoje, o Estado de Israel possui milhões de imigrantes formados em *Ulpanim*.

4.2 O Hebraico: Características de uma Língua Viva

Tanto o Estruturalismo quanto a Gramática Gerativa concebem a língua como um sistema homogêneo e abstrato. Portanto, pressupõe-se que o uso da língua pelos seus falantes

não possui relevância. Contudo, a Sociolinguística Variacionista de Labov (1972) se afasta dessa consideração. O linguista, por sua vez, observa a língua como um sistema heterogêneo. A partir disso, entende-se que a variação é inerente a qualquer sistema linguístico. Ela é condicionada não somente por fatores internos a este sistema mas também por fatores sociais; a variação não é aleatória, mas é sistemática e previsível tanto estrutural como socialmente. (MELO, 2017)

Quando o hebraico se tornou a língua de comunicação da juventude, dos não instruídos, de toda a classe de pessoas, de todos os setores de atividade, ele escapou forçosamente do zelo dos escritores de estilo aprimorado e dos gramáticos cautelosos, e começaram a atuar dentro dele todas aquelas forças que, incessantemente, alteram a estrutura das línguas vivas. Quer estas alterações no hebraico tenham sido causadas pela **ignorância de parte dos falantes**, quer seja pela influência das línguas estrangeiras que falavam anteriormente, ou pela influência do inglês que serviu como língua administrativa e veículo de estudo e comunicação com o exterior (...)

De nada adiantaram os esforços dos mestres para erradicar da fala das crianças expressões como: *an lo rotze*, “Eu não quero” (por: *eneni rotze*), *yesh li ta* (= et ha sefer “Eu tenho o livro” (por *yesh li há sefer*, ou: *ha-sefer etzli*), *ni yochen*, “Eu durmo” (por: *ani ya-chen*), *otkhem* (por: *etkhem*) ou *hakhi yafe*, “O mais bonito” (por: *hayafe beyoter*). Os artigos admonitórios, as colunas dedicadas à linguagem nos jornais, de nada adiantara, pelo contrário: verificou-se apenas que muitos **destes erros** já eram ouvidos na Palestina em 1920. (RABIN, 1973, p. 107 e 108, grifo meu)

É importante ressaltar que o ano era 1920, o livro “Curso de Linguística Geral” de Ferdinand Saussure foi publicado em 1916 e possivelmente esta corrente teve relevância para os estudiosos da língua na época. No entanto, a possibilidade que Labov trouxe em 1972 mostra que o que aconteceu com o hebraico não era “ignorância de parte dos falantes” ou “erros”, mas tratava-se de variação linguística, os fatores sociais também exercem papel no sistema linguístico.

Rabin (1973) menciona modos de falar no hebraico que muito se aproximam do português brasileiro (PB). No PB, existe o pronome pessoal de tratamento “você”, que surgiu de *Vossa Mercê* > *vossemecê* > *vosmecê* > *vosm'cê* > *voscê* > *ocê* > *cê*. “Ao longo de anos, por meio de usos, bem como desusos, a locução nominal sofreu reduções morfofonológicas, chegando a forma sincopada *cê*.” (ROCHA et al., 2016) Hoje, é muito comum que os falantes nativos de língua portuguesa usem a variante “*cê*”. Ao mesmo tempo, Rabin diz em seus exemplos que os falantes de hebraico trocam *ani yachen* por *ni yoschen* (Eu durmo.)

Em hebraico, *ani* (אני) é o pronome pessoal de primeira pessoa do singular. O fato do falante produzir “*ni*” e não “*ani*” envolve variação linguística, da mesma forma que os brasileiros falam “*cê*” e “*você*”.

Nessa mesma oração, há outro ponto que se assemelha à língua portuguesa: *yoschen* x *yachen*. No hebraico, os verbos regulares da construção *Pa'al*, seguem o seguinte paradigma no tempo presente:

| | |
|------------------|-----------|
| אני, אתה, הוא < | אֲנִי |
| אני, את, היא < | אֲנִי |
| אנחנו, אתם, הם < | אֲנַחְנוּ |
| אנחנו, אתן, הן < | אֲנַחְנוּ |

Tabela 01: Paradigma do Presente do *Pa'al*

Ani, Atá, Hu (eu, tu, ele – masculino plural) – Padrão: □o□e□

Ani, At, Hi (eu, tu, ela – feminino singular) – Padrão: □o□e□et

Anachnu, Atem, Hem (Nós, vós, eles – masculino plural) – Padrão □o□x□im

Ananchu, Aten, Hen (Nós, vós, elas – feminino plural) – Padrão □o□x□ot

O verbo dormir, em hebraico, pertence à construção *Pa'al*, mas ao grupo de verbos “פ””, verbos que tem como primeira consoante da raiz a consoante hebraica “” (yod). Por isso, no presente, eles carregaram uma mudança fonética na primeira consoante da raiz, que não será vocalizada com “o” mas com “a” em todas as pessoas. O sufixo que marca o feminino singular também sofrerá alteração, será terminado em “ah” e não em “et”. Em português, diríamos que se trata, então, de um verbo irregular.

Para os gerativistas, a linguagem é inata. Esses linguistas defendem que nós, seres humanos, já nascemos com este componente, pelo qual temos pobreza de estímulo e mesmo assim começamos a falar e entender línguas pelas quais somos expostos no período crítico, através de uma dotação genética, ou seja, somos capazes de gerar a língua a partir de um aparato que já temos.

No processo de aquisição de linguagem, é muito comum ouvir de crianças brasileiras, por exemplo, “eu sabo” e não “eu sei”. Isso se dá porque elas costumam generalizar os padrões da morfologia – no caso, o verbo “saber” que é irregular aos verbos regulares (GLENDA Y, 2008). O mesmo acontece com a criança israelense quando aprende o verbo “dormir”.

Na frase “*Ni yoschen*”, ela relaciona o verbo irregular aos regulares, por isso a criança produz “*yoschen*” e não “*yaschen*”, pois se estivesse tratando do verbo estudar, que é regular, ela falaria, por exemplo: “*lomed*”.

5. CRIAÇÃO DE NOVAS PALAVRAS

Como foi dito anteriormente, a renovação do hebraico, para atender às necessidades do momento, teve como resultado um considerável número de novos vocábulos, muito embora, a gramática e a sintaxe oriundas do hebraico bíblico e talmúdico tenham sido preservadas. Este trabalho foi feito pelos membros do Comitê da Língua Hebraica (1890). De acordo com Berezin (1977), no processo de renovação da língua, o Comitê tinha entre seus objetivos:

1. Como primeiro passo, empreendem-se buscas nas “fontes escritas”, a fim de encontrar o significado desejado, já que nem toda a literatura é sobejamente conhecida.
2. Em caso de insucesso, continua-se a investigação nas próprias “fontes escritas”, com o intuito de encontrar um significado *próximo* do conceito ou palavra desejados. Estabelece-se uma aproximação ou ampliação semântica, como por exemplo a palavra “ahuz”, que recebeu o significado de “percentagem”, enquanto na Bíblia seu sentido é “parte de”
3. Além de ampliação, recorreu-se também a mudanças semânticas, isto é, atribuiu-se um novo significado a palavras antigas. Assim, o vocábulo “eqdah”, que na Bíblia tem o significado de “pedra preciosa”, passou a significar no hebraico moderno “revólver”; o vocábulo “hashmal”, que na Bíblia é traduzido por “reluzente”, “brilho metálico”, e na tradução grega por “electra”, recebeu o significado moderno de “eletricidade”
4. Foram introduzidos muitos vocábulos do repertório religioso que adquiriram um significado secular na língua corrente. O vocábulo “qorban”, que significava o “sacrifício ritual” de animais, passou a significar “vítima” “Mussaf”, o nome de uma das preces semanais, adquiriu o significado de “suplemento” Estes são apenas exemplos dos inúmeros vocábulos que passaram por este processo.
5. Na impossibilidade de estabelecer uma aproximação de significado, recorre-se à criação de novas formas gramaticais, a partir de um radical hebraico, encontrado nas “fontes escritas”, cujo significado tenha alguma relação ou proximidade com o conceito procurado. Esses novos vocábulos são criados pelo processo de analogia gramático-formal, isto é, compõe-se a nova palavra segundo padrões formais “mishqal” já existentes no hebraico clássico. A base da língua hebraica são radicais triconsonantais, combinados com determinadas vogais, com prefixos ou sufixos, segundo um padrão formal, o “mishqal”
6. Se, pelo método anterior, não se consegue chegar a um resultado satisfatório, passa-se a outra técnica, semelhante à anterior. Nessa técnica o ponto de partida não são mais as palavras ou radicais hebraicos encontrados nas “fontes escritas”, mas palavras de outras línguas semíticas, de preferência o aramaico e, em seguida, o árabe. Esse método não está baseado em analogias formais internas da língua hebraica, mas procura extrair os radicais, hebraizando-os segundo as regras de concordância que regiam as velhas línguas semíticas. O nível científico dos membros da Academia de Língua Hebraica é uma garantia de que as palavras cunhadas por esse método não se distingam das palavras herdadas.

De forma geral, os linguistas da época, ao perceberem o surgimento de um novo conceito, buscavam na Bíblia se existia uma palavra ou raiz que pudesse equivaler a este novo conceito e as ampliavam semanticamente. Se essas não fossem encontradas no Texto Sagrado, eram procuradas na *Mishná*¹⁰, nos escritos talmúdicos, na língua aramaica, na língua árabe e em, último caso, se recorria a uma raiz estrangeira e a colocava em um padrão existente na língua hebraica.

Se não houvesse a possibilidade de colocar a raiz estrangeira em um padrão hebraico, se recorria aos estrangeirismos. O esforço desses linguistas era evitar palavras e raízes estrangeiras, buscando uma melhor consolidação da língua. A Academia de Língua Hebraica utiliza este mesmo processo até hoje.

A raiz e o “padrão” das palavras no hebraico são duas formas básicas da língua para a formação de palavras. Minussi (2012 apud Katamba 1993) diz que a raiz é “o cerne irreduzível de uma palavra, com absolutamente mais nada anexado a ele. Ela é a parte que sempre está presente, possivelmente com alguma modificação, em várias manifestações de um lexema.” Os padrões existentes para as palavras hebraicas são “fórmulas” que nos auxiliam na leitura e a reconhecer, até mesmo, a qual campo semântico determinada palavra pertence.

Tomemos como exemplo a palavra מִכְתָּב (mikhtav) que é composta pela raiz כתב e pelo padrão Mi□x□a□. Dessa mesma raiz temos a palavra כְּתִיבָה (ketivah – escrito) e o verbo לִכְתּוֹב (likhtov – escrever). As palavras que possuem a mesma raiz carregam um significado geral comum, contudo, cada uma delas tem seu próprio significado. (BEREZIN, 1980)

No hebraico moderno, há um padrão para criar o nome de diversas doenças: □a□e□et. Este padrão aparece na Bíblia vinte e sete vezes e mais da metade dessas aparições, indica doenças. (BEREZIN, 1980) É interessante pensar que na língua renovada, esta fórmula é utilizada em algumas doenças que têm relação com uma cor ou uma palavra em específico. Por isso, a raiz é extraída da palavra relacionada. Essa regra aplicada às doenças também acontece com outros padrões na língua para a criação/inação de outras palavras.

| PALAVRA BASE | RAIZ | DOENÇA |
|-------------------------------|--------------------------------|-------------------------------------|
| <i>Adom</i> (vermelho) אָדוּם | מ א ד <i>alef, dalet, mem</i> | אָדֶמֶת <i>Ademet</i> (rubéola) |
| <i>Tzhov</i> (amarelo) צָהָב | ב צ ה <i>tzadi, he, vet</i> | צָהֶבֶת <i>Tzahevet</i> (icterícia) |
| <i>Sukar</i> (açúcar) סֻכָּר | ר ס כ <i>samech, kaf, resh</i> | סֻכָּרֶת <i>Sakeret</i> (diabetes) |

Tabela 02: Padrão para doenças em hebraico.

¹⁰ *Mishná*, (repetição), escrita da lei oral – faz parte do Talmud.

Rubéola vem da palavra “vermelho” porque a pessoa contaminada por esta doença, apresenta erupções vermelhas na pele. Icterícia vem da palavra “amarelo” porque a pessoa detectada com esta doença fica com os olhos e a pele amarelada. Diabetes vem da palavra “açúcar” porque a pessoa que tem diabetes apresenta um nível de açúcar no sangue bastante elevado. A palavra *sucar*, por sua vez, é um empréstimo do árabe.

Como foi percebido até aqui, o hebraico, em sua renovação, acabou recebendo muitas influências de outras línguas, principalmente do aramaico (אבא, סבא, אמא – papai, vovô, mamãe – *aba, saba, ima*).

Em Israel a língua Hebraica passou a ser a língua dominante em todos os setores da vida diária e passou, a absorver influências de várias outras línguas tais como o Iídiche, Russo, Árabe, estas responsáveis pelas modificações que foram introduzidas inicialmente não somente em seu léxico como também na fonologia e na sintaxe da língua. (SZUCHMAN, 2011)

No entanto, o inglês também acabou exercendo importante papel na língua. Segundo Cavalcanti (2009), isso ocorreu durante o Sionismo em que a língua inglesa se fez presente no então recém fundado Estado de Israel. As palavras originadas do inglês, vieram através de mecanismos como decalque e também de empréstimos linguísticos.

| HEBRAICO | INGLÊS |
|--|-------------------|
| <i>Kadur-sal</i> (bola de cesta) כדור-סל | <i>Basketball</i> |
| <i>Kadur-regel</i> (bola de pé) כדור-רגל | <i>Football</i> |
| <i>Kadur-iad</i> (bola de mão) כדור-יד | <i>Handball</i> |

Tabela 03: Palavras que vieram para o hebraico através de decalque.

Além disso, percebe-se na língua hebraica, palavras que são formadas a partir da união de dois vocábulos, podendo um deles ser de origem estrangeira.

רם + קול = רמקול
 Ram (alto) + kol (voz) = *Ramkol* (alto-falante)

מכוננית + מונה = מוניית
Mekhonit (carro) + *moneh* (contador) = *Monit* (táxi)

קספומט + אוטומט = כספומט
Kesef (dinheiro) + *otomat* (automático) = *Kaspomat* (caixa eletrônico/automático)

5.1 Processos Morfológicos para a Criação de Novas Palavras – Sufixos Frequentes na Língua

Em toda língua e, sobretudo, no hebraico, novas palavras são “inventadas” o tempo todo, seja por estudiosos ou não. Além disso, também criamos palavras a partir de palavras já existentes. As crianças, por exemplo, usam, frequentemente, sufixos em palavras que já existem para reduzir o nome dos animais.

(1) Sufixos “an” e “t” (אַן אֵי) – Geralmente trazem a ideia de profissão ou característica.

הוֹצֵפָה – *Chutzpah* (atrevidimento) / הוֹצֵפָן – *Chutzpan* (atrevido)

פְּרָדֵס – *Pardes* (pomar) / פְּרָדֵסָן – *Pardessan* (agricultor)

מִשְׁחָק – *Mischak* (jogo) / שֹׁחֵקָן – *Sachkan* (jogador)

בְּנֵיָה – *Biniyá* (construção) / בְּנָאִי – *Banai* (construtor)

(1) Sufixo “ya” יָהּ – Geralmente expressa nome de lugares.

מַאֲפֵיָה – *Maafiya* (padaria)

סִפְרֵיָה – *Siferya* (livraria)

גֵּרְמַנְיָה – *Germanya* (Alemanha)

(2) Sufixo “on” וֶן – Geralmente expressa aquilo que contém a ideia da raiz. Grande parte das palavras quem têm o sufixo “on” foram criadas por Eliezer Ben Yehuda, baseadas no *Talmud*. De acordo com Berezin (1980), a linguagem talmúdica muito colaborou para o vocabulário, a morfologia, a sintaxe e a semântica do hebraico moderno.

שָׁעָה – *Shaá* (hora) / שָׁעוֹן – *Shaon* (relógio) – Aquilo que contém horas.

מִילָה – *Milá* (palavra) / מִילוֹן – *Milon* (dicionário) – Aquilo que contém palavras.

שִׁיר – *Shir* (canção) / שִׁירוֹן – *Shiron* (livreto de canções) – Aquilo que contém canções.

Sufixo “on” expressando o grau diminutivo:

סוּס – *Sus* (cavalo) / סוּסוֹן – *Susson* (cavalinho)

פִּיל – *Pil* (elefante) / פִּילוֹן – *Pilon* (elefantinho)

דוב – *Dov* (urso) / דובון – *Dovon* (ursinho de pelúcia)

6. A GRAMÁTICA MODERNA: CARACTERÍSTICAS SEMÍTICAS E OCIDENTAIS

O hebraico bíblico foi essencial para que o hebraico moderno se desenvolvesse, ele influenciou a língua não só lexical, mas também gramaticalmente. (BEREZIN, 1980) Há na gramática do hebraico moderno sete construções (*binyanim*) que expressam voz ativa, reflexiva/recíproca e passiva e ações simples, intensiva e causativa. Segundo Francisco (2009), essas diversas construções são uma característica das línguas semíticas. Todo o sistema verbal e morfologia do hebraico moderno são semíticos.

“A palavra בנין significa estrutura, construção ou edifício. Assim como os edifícios em arquitetura, ao menos os clássicos, possuem o mesmo formato em cada andar, analogamente os בנינים são modelos, padrões, que determinam o comportamento formal do verbo, considerando-se seu שורש (consoante), sua vocalização e afixos (variáveis).” (BLATYTA, 2012)

No hebraico, essas construções são chamadas de *Pa'al*, *Pi'el*, *Hif'il*, *Hitpa'el*, *Nif'al*, *Pu'al* e *Huf'al*. Em relação ao tempo verbal, são apenas três: passado, presente e futuro. Segundo Chomsky (1958), há também outras construções na Bíblia que não funcionam mais. No hebraico, o verbo ser/estar não é utilizado no presente, característica de algumas línguas semíticas.

Voz ativa

Pa'al – פָּעַל – Cerca de 68% dos verbos estão presentes nessa construção. Expressam ação simples.

Pi'el – פִּעֵל – Os verbos desta construção expressam ação intensiva.

Hif'il – הִפְעִיל – Estrutura causativa – a ação exercida provoca algo em outra pessoa ou objeto.

As construções *Nif'al*, *Pu'al* e *Huf'al* (נִפְעַל, פּוּעַל, הוּפְעַל) são correspondentes de voz passiva das construções de voz ativa.

Voz reflexiva/recíproca

O *Hitpa'el* (הִתְפַּעֵל) é a construção que representa a voz reflexiva ou recíproca. Embora não seja correspondente de nenhuma construção, o *Hitpa'el* tem muitas semelhanças morfológicas com o *Pi'el*.

Cada construção tem como característica a presença de afixos que permitem identificar a qual construção o verbo pertence. (CHOMSKY, 1958) Além disso, as raízes podem aparecer em mais de uma construção – alterando a semântica do verbo.

O tempo presente é conjugado em quatro formas: uma para as pessoas do masculino singular, uma para as pessoas do feminino singular, uma para as pessoas do masculino plural e uma para as pessoas do feminino plural. Já o tempo passado é caracterizado pela presença de sufixos que são invariáveis e aparecem em todas as construções. O tempo futuro conta com prefixos.

Todo infinitivo em hebraico é encabeçado pela consoante *lamed* (ל), o que faz com que os verbos não sejam encontrados no dicionário pelo infinitivo, mas pela terceira pessoa do masculino singular. As construções da voz passiva, com exceção do *Nif'al*, não têm infinitivo.

| VOZ | SIMPLES | INTENSIVA | CAUSATIVA |
|-----------|------------------------------|------------------------------------|-------------------------------|
| ATIVA | פָּעַל (<i>Pa'al</i>) | פִּעֵל (<i>Pi'el</i>) | הִפְעִיל (<i>Hif'il</i>) |
| REFLEXIVA | - | הִתְפַּעֵל (<i>Hitpha'el</i>) | - |
| PASSIVA | נִפְעַל (<i>Nif'al</i>) | פּוּעַל (<i>Pu'al</i>) | הוּפְעַל (<i>Huf'al</i>) |

Tabela 04: Construções verbais

A sintaxe do hebraico moderno foi formada no início do século XX, nela, convivem, lado a lado, características de toda a história da língua. Através do processo de gramaticalização e do contato do hebraico com outras línguas, novas estruturas sintáticas foram, então, formadas. (ZEWI, 2016)

No léxico e na sintaxe do hebraico, as línguas indo-europeias exerceram importante papel e o que diferencia a sintaxe da língua hebraica da de outros idiomas é que nela atua, também, a sintaxe de todas as outras línguas que serviram de base para sua restauração.

Segundo Khan (2002), nas primeiras décadas do hebraico moderno, os estudiosos muito se dedicaram em sua gramática. No entanto, em um primeiro momento, esses olhares eram

bastante normativos. Os linguistas da época não eram a favor de uma análise da língua falada. Apenas em 1950, esses estudiosos começaram a aceitar que o hebraico tinha um sistema linguístico próprio e que poderia ser estudado como qualquer outro idioma.

A língua hebraica, assim como a portuguesa, segue a ordem SUJEITO + VERBO + COMPLEMENTO.

Exemplo:

Ani lomed ivrit ba Universita.

אני לומד עברית באוניברסיטה.

SUJEITO *VERBO* COMPLEMENTO

Tradução: Eu estudo hebraico na Universidade.

Em alguns casos, para suprir a omissão do verbo ser/estar, é utilizado na língua um mecanismo chamado *ogued* que diz que em sentenças com sujeitos na terceira pessoa do singular ou plural, coloca-se, após ele, o pronome pessoal de terceira pessoa para indicar a “presença” do verbo ser/estar. Ao pensar no caso do português, tal estrutura seria marca de oralidade, no entanto, em língua hebraica, não.

Além disso, a presença do pronome pessoal, também mostra como a língua lida com suas potenciais ambiguidades, uma vez que o *ogued* evita, também, os casos de ambiguidade.

Exemplo:

Tel Aviv yafah

Tel Aviv hih yafah

תל אביב היא יפה

תל אביב יפה

A primeira oração fica “Tel Aviv (é) bonita”, a segunda: “Tel Aviv **ela** é bonita”.

6.1 Begadkefat x Bacaf e consoantes enfáticas e guturais

O hebraico moderno herdou do hebraico bíblico seis consoantes que juntas são conhecidas como *begadkefat*. Essas consoantes, a depender da posição em que aparecem, possuem diferentes sons que, na escrita, são marcados pela presença ou ausência de um sinal chamado *daguesh*. ◌

| B | E | G | A | D | K | E | F | A | T |
|---------------------------|----------|---------------------------|----------|--------------------------|----------------------------|----------|---------------|----------|----------------|
| ב, בּ | | ג, גּ | | ד, דּ | כ, כּ | | פ, פּ | | ת, תּ |
| <i>bet,</i> <i>vet</i> | | <i>gue,</i> <i>ghe</i> | | <i>de,</i> <i>dhe</i> | <i>khaf,</i> <i>kaf</i> | | <i>pe, fe</i> | | <i>te, the</i> |

Tabela 05: *Begadkefat*

Segundo Weinberg (1982), no hebraico moderno há três fatos sobre as *begadkefat* que precisam estar claros: 1. Só três dessas consoantes terão alterações fonéticas – פ, כ, ב (*bet, kaf, pe*), *bacaf*. 2. Em contrapartida, em textos vocalizados, o *daguesh* aparece nas seis consoantes. 3. Em relação à língua falada, alguns professores tentam preservar as regras bíblicas. Contudo, até mesmo os falantes com maior instrução, dificilmente seguirão a regra. Portanto, percebe-se que mesmo existindo um desejo de resgatar esses fonemas semíticos no hebraico moderno, a ideia falhou e eles foram abandonados.

De acordo com Storig (2005), as línguas semíticas partilham diversas características, entre elas: 1. consoantes “enfáticas” – *tsadik e tav* (ת, צ), que devem ser pronunciadas com mais ênfase. 2. Consoantes guturais – *alef, he, het, ayn* (א, ה, ח, ע), que causam estranhamento aos ouvidos dos falantes de línguas indo-europeias.

Todavia, na língua renovada as consoantes enfáticas perderam a ênfase, uma vez que muitos restauradores da língua eram ocidentais e não conseguiam pronunciá-las. Além disso, duas das consoantes guturais – consoantes que têm como característica um “som áspero” – tiveram emudecimento permanente, são elas o *ayn* – ע e o *he* – ה.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho tinha como objetivo falar sobre o renascimento, renovação e características mais emblemáticas de um idioma muito rico mas não muito estudado. Percebe-se neste estudo que a língua renovada tem um desenvolvimento histórico dissemelhante das outras línguas consideradas vivas, em que o período histórico atua como resultado orgânico do desenvolvimento gradativo das fases anteriores.

Entende-se, então, que a língua hebraica não é resultado de uma natural evolução orgânica. Este idioma foi influenciado e ainda convive com as características linguísticas de todas as suas fases anteriores. Além disso, a renovação do hebraico também desencadeia o renascimento do povo judeu como uma nação em sua própria Terra.

Aprender a língua hebraica é aprender uma língua resistente, que traz a um povo a possibilidade de se relacionar com o seu passado, com sua identidade nacional. Para os homens da *Haskalá*, falar hebraico era praticamente uma maneira de sobreviver.

O hebraico, embora muitos acreditem ser uma língua morta, possui características muito interessantes a serem refletidas. Percebe-se que os linguistas, no processo de criação de palavras, sempre buscaram originalidade.

Destaca-se aqui, também, o trabalho de Eliezer Ben Yehuda, haja vista que renovar uma língua não seja uma missão muito fácil e não foi. Ben Yehuda não criou palavras aleatoriamente. O pai do hebraico moderno faleceu e não viu o hebraico tornar-se língua oficial do Estado de Israel. No entanto, seu trabalho deixou como herança um idioma vivo, renovado e que se renova todos os dias. Um idioma oficial falado e estudado.

Creio que neste trabalho de conclusão de curso, iniciei uma pequena discussão sobre um propósito maior. A língua hebraica não somente é viva, ela ESTÁ viva e é influenciada por todos os fenômenos linguísticos que afetam línguas vivas.

Para trabalhos futuros, no que diz respeito às pesquisas linguísticas e sociolinguísticas, acredita-se que a língua hebraica possa gerar resultados significativos, inclusive de comparação com a língua portuguesa.

8. REFERÊNCIAS

- BAROCAS, E. B. A Língua Hebraica? Vai bem, obrigada, pelo menos por enquanto. *Cadernos de Língua Hebraica*. São Paulo: USP, n. 5, p. 29-63, 2006.
- BEREZIN, R. *As origens do léxico do hebraico moderno*. São Paulo: EDUSP, 1980.
- BEREZIN, R. *Dicionário Hebraico-Português*. São Paulo: EDUSP, 1995.
- BEREZIN, R. *O hebraico moderno: um estudo histórico*. *Língua e Literatura*, São Paulo, n. 6, p. 225-233, dez. 1977.
- BLATYTA, D. F. *Forma e Uso dos Verbos em Hebraico*. São Paulo: EDUSP, 2012.
- CAVALCANTI, M. R. L. *Empréstimos: a influência da língua inglesa na língua hebraica moderna*. 2009. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2009.
- CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge: The MIT Press, 1965.
- CHOMSKY, W. “*Did Hebrew die?*” *Hebrew the eternal language*, The Jewish Publication Society of America, Philadelphia, 1958.
- FRANCISCO, E. F. Características da língua hebraica: Hebraico Arcaico, Hebraico Pré e Pós-Exílico, Hebraico de Qumran e Hebraico Massorético. In: *Estudos de Religião 21*. Práxis Religiosas e Religião. Ano XV, n. 21, dez. 2009. São Bernardo do Campo, São Paulo: UMESP, p. 165-195.
- GLASMAN, J. B. A poesia hebraica moderna. *Confraria*, Rio de Janeiro, v. 20, p. 02, 2008.
- GLENDAY, C. Chomsky e a linguística cartesiana. *Trans/Form/Ação*, v. 33, n. 1, p. 183-202, 2010.
- GUERTZENSTEIN, D. O Verbo na Gramática Hebraica e a Globalização. *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*, n. 13, 9 mar. 2016
- HERZL, T. *O Estado Judeu*. Rio de Janeiro, Gramond, 1998.
- KHAN, G. The Study of Modern Hebrew Syntax. *Teuda 18*, p. 279-297, 2002 (*in Hebrew*).
- LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- MELO, M. A. S. L. *Direcionalidade da mudança sonora: O papel do item lexical e da avaliação social*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.
- MINUSSI, R. *Os sabores do nome: um estudo sobre a seleção de argumentos e as nominalizações do hebraico*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2012.

OLIVEIRA, L. O. C. Filologia e Lingüística em Ação: Como Ressuscitar uma Língua - O Caso do Hebraico. *VI Congresso nacional de Lingüística e Filologia*, 2003, Rio de Janeiro. Filologia, Literatura e Lingüística. Rio de Janeiro: CiFeFiL, 2002. v. VI. p. 98-107.

RABIN, C. *Pequena história da língua hebraica*. São Paulo: Summus, 1973.

ROCHA, W. J. C.; DOS SANTOS, L. O.; SOUSA, V. V. O pronome você e sua variante cê: um estudo (socio)funcional. *Interdisciplinar – Revista de Estudos em Língua e Literatura*. São Cristóvão: UFS, v. 24, p. 143-158, 2016.

SORJ, B. Geopolítica e cultura: a trajetória de Israel. *História*, v. 33, n. 2, p. 57-71, dez. 2014.

STEINBERG, G. Besseter Raam de Mên dele Mocher Sfórim e o Renascimento da Língua Hebraica. *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*, n. 11, 4 ago. 2014.

STÖRIG, H. J. *A aventura das línguas; uma história dos idiomas do mundo*. São Paulo: Melhoramentos, 2005.

SZUCHMAN, E. O Renascimento da Língua Hebraica e sua Continuidade na Diáspora. *Revista Vértices*, s.l, p. 53-69, dez. 2011.

WEINBERG, W. Before and After in the Teaching of Hebrew Grammar. *Hebrew Studies*, v. 23, p. 127-144, 1982.

ZEWI, T. The Study of Hebrew Syntax. *Hebrew Linguistics* 70, p. 125-146, 2016 (*in Hebrew*).

